

Sobre a (in)completude e os aspectos existenciais na obra “A parte que falta” de Silverstein.

About the (in)completeness and existential aspects in “The missing piece” of Silverstein.

THIAGO SITONI GONÇALVES¹ /CAROLINA ROCHA DE ASSUMPÇÃO²
/TASSIANA CAROLINE PEREIRA³ / LEILA SILVANA PONTES⁴

Resumo: A estilística de vida move as linhas do presente trabalho, considerando a arte um subterfúgio reflexivo e político, possível de sustentar os diversos sentidos para o existir. Com base na literatura, como uma expressão da arte, em interface com a Psicologia, buscamos compreender o projeto de completude da personagem em *A Parte que Falta*, obra de Silverstein (1976/2018). O vazio torna-se uma questão que permeia os (des)encontros humanos com a liberdade, a situação, o outro e a reciprocidade. Em um viés existencialista, Jean-Paul Sartre (1943/2015) ampara uma compreensão da leitura a partir do método fenomenológico, destacando todo o desvelar do conhecimento em seu curso, nunca determinado, em constante vir-a-ser. O projeto de completude surge por um incômodo da personagem devido a sua condição corpórea ao passo que ser completa em seu imaginário era sinônimo de realização, entretanto, ao completar-se, ela experiencia o caráter de em-si, um engodo hermético ao mundo, percebendo o vazio enquanto a possibilidade que ainda não se fez e que a impulsiona a criar seu próprio caminho. Ao questionarmos acerca do para quê/para quem falta, Simone de Beauvoir (1949/2015) subsidia as problematizações, encorpando uma faceta feminista para o existencialismo, escancarando as nuances da liberdade (não sendo igualitária ao sujeito fêmea), o custo de transcender uma situação, sendo a completude, uma escolha alienada da mulher para sustentar seu ser no mundo masculinizado e hierarquico. O caráter de Outra, de inessencial permeia a historicidade da mulher, tornando a liberdade um constante enfrentamento em toda situação no patriarcado (família, matrimônio, sexualidade, política), tornando a falta um empecilho para a genuína realização no mundo.

Palavras-chave: Incompletude; Liberdade; Outro; Existencialismo.

Abstract: The stylistics of life moves the lines of the present work, considering art as a reflexive and political subterfuge, possible to sustain the different meanings to existing. Based on literature, as an expression of art, in interface with Psychology, we seek to understand the character's completeness project in *The Missing Piece*, a

¹ Psicólogo formado pela Universidade Paranaense (UNIPAR) e mestrando em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: thiagositonipsi@gmail.com

² Psicóloga formada pela Universidade Paranaense (UNIPAR) pós-graduada em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica (FAVENI). E-mail: carol-psy@hotmail.com

³ Graduada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/PR) e Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). E-mail: tassiana.c.p@gmail.com

⁴ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá e Doutoranda Letras (PPL) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: leila.pontes@unioeste.br

work by Silverstein (1976/2018). Emptiness becomes an issue that permeates human (dis)encounters with freedom, the situation, the other and reciprocity. In an existentialist approach, Jean-Paul Sartre (1943/2015) supports an understanding of reading from the phenomenological method, highlighting all the unveiling of knowledge in its course, never determined, in constant becoming. The project of completeness arises from a discomfort of the character due to her bodily condition whereas being complete in her imaginary was synonymous with achievement, meanwhile, when completed, it experiences the character of itself, a hermetic deception to the world, realizing the void as the possibility that has not yet been made and that drives it to create its own path. When questioning about what for/for whom is missing, Simone de Beauvoir (1949/2015) subsidizes the problematizations, embodying a feminist facet to existentialism, opening up the nuances of freedom (not being equal to the female subject), the cost of transcending a situation, being completeness, an alienated choice of the woman to sustain her being in the masculinized and hierarchical world. The character of Another, inessential, permeates the woman's historicity, making freedom a constant confrontation in every situation in the patriarchy (family, marriage, sexuality, politics), making the lack an obstacle to genuine achievement in the world.

Keywords: Incompleteness; Freedom, Another; Existentialism.

Introdução

A arte torna-se parte do cotidiano de todas/os que coexistem em sociedade e por ela, o humano constrói seu modo subjetivo de existir. Limitar a arte, por conseguinte, definir a vida, em meio ao contexto em que somos protagonistas, não amplia as fronteiras de possibilidades para lidar com a existência. Pelo contrário, Ernest Fischer (1984) em seu primeiro capítulo da obra *A Necessidade da Arte*, já desbravava a sua amplitude ao escrevê-la em inúmeras funções, cuja característica que ampara todas as formas de estilísticas é o fato de que todas emergem das necessidades contextuais, sociais e subjetivas no delinear da história.

Um dos modos de dizer sobre o para quê da serventia da arte é mencioná-la como substrato para a vida, devido aos dramas existenciais nas quais todas/os estamos sujeitas/os, como violências, angústias, medos, injustiças, a iminência de morte e adoecimentos. A arte pode ser o que nos distancia das vicissitudes, o que nos torna um com o todo, o que pode nos libertar, transformar, inquietar ou ser auxílio mágico frente a dominação de um mundo capitalista.

À luz da criatividade que enlaça esse encontro filosófico e literário, a teoria em interface com a narrativa, é que esse trabalho desenvolver-se-á. Movidos por esse incômodo que incide em dividir razão e emoção, teoria e poesia, funda-se nesse texto uma inquietação, nascente pela busca da arte e ciência juntas enquanto promotoras de liberdade, como fomenta Bereano (2019 p. 12) às nossas reflexões: “disseram-nos que a poesia tem alma e a teoria tem mente e que, precisamos

escolher entre elas. [...] É mais fácil que nos controlem quando uma parte do nosso eu é separada da outra, é fragmentada e sem equilíbrio”.

Em vista disso, não se atemos em analisar ou restringir conceitos anteriores à história posta em evidência. Este estudo caminha junto às duas esferas do conhecimento simultaneamente e divide-se em seu desenvolvimento, por duas partes. Em primeiro momento, a obra de Silverstein (2018) será apresentada com a teoria existencialista de Jean-Paul Sartre, cujas repercussões desde a sua nascente no século XX ressoa reflexões acerca do humano em suas situações em vista de sua liberdade e responsabilidade ontológica e antropológica no mundo. A história mencionada, intitula-se *A Parte que Falta*, descrito em sua ficha catalográfica como um livro infanto-juvenil. A história narra questionamentos da personagem principal (sem nome definido) em seu trajeto, perseguindo o projeto enunciado por ela como “buscar a parte que falta em mim” (Silverstein, 2018 p. 14). Por meio desta premissa, o leitor acompanha sua jornada entre (des)encontros com a completude e a falta em diversas cenas.

Em segundo momento, este estudo versa em problematizar aspectos que são manifestados ao longo da narrativa, a partir das contribuições da filósofa Simone de Beauvoir, sobre questionamentos que aparecem como: liberdade, o outro, reciprocidade e situação. Essa pesquisa se constrói a partir de um estado da arte, por meio de artigos, livros e capítulos de dissertações que se respaldam na filosofia existencial de Sartre e Beauvoir.

Com o intuito de mostrar a história tal como se apresenta, avizinhamo-nos do método fenomenológico (SCHNEIDER, 2020a; FEIJOÓ; MATTAR, 2014; SCHNEIDER, 2008b), posto que, o ato criativo está em evidência como a experiência vivida promovida por quem escreve, apontando temas concernentes à existência. De acordo com Feijoó e Mattar (2014) há inúmeros autores existencialistas que partem da fenomenologia enquanto método para investigação do conhecimento, nomes importantes do século XX como Merleau-Ponty, Heidegger e Sartre, dada a influência crítica de Husserl frente às hipóteses idealistas e realistas. Contudo, esses autores tecem a teoria a partir de apontamentos divergentes entre si e para tanto, o foco adotado funda-se na aderência de Sartre como forma de acessar o saber.

A partir desse autor, há um rompimento com dualismos entre exterior e interior, ser e parecer, potência e ato. De acordo com Schneider (2020a; 2008b), se a fenomenologia, em sua nascente do século XX, desejava cindir com uma longa história filosófica sobre a metafísica, ela deveria ser revisitada e, para tal, Sartre faz uso da fenomenologia de Edmund Husserl para o verdadeiro acesso ao conhecimento. O grande ponto que Sartre esbarra é no fato do conhecimento ser finito, na medida em que se apresenta a cada sujeito em sua singularidade e infinito, pensando que aparece-se de diversas formas, e isto fundamenta a ideia de que todo conhecimento é questionável.

Essa descoberta, descortina o fato de que o sujeito não tem noção de todos os fenômenos presentes no mundo e isso não significa que eles não existam, mas à medida em que o sujeito existe, consegue conhecê-lo objetivamente. Isto posto, o fenômeno pelo qual o humano conhece não tem algo encoberto à desvelar-se. O parecer do fenômeno é a sua essência, isto é, só se conhece o ser a partir daquilo que aparece e, para conhecê-lo, é necessário visualizá-lo em sua materialidade, em seu uso. Nisso, a realidade existe muito antes do sujeito, o que Schneider (2020a) destaca como transfenomenalidade do ser, pois a realidade bruta, indiferente, já está aí e o humano é obrigado a conhecer um ser.

Feijó e Mattar (2014) fomenta a discussão à respeito da fenomenologia em Sartre, considerando sua crítica ao idealismo e ao realismo, pelo fundamento do primeiro tratar o conhecimento como algo a ser digerido. As autoras utilizam o exemplo da aranha que, ao capturar algo em sua teia, devora o objeto com os olhos. Este seria o conhecimento: capturado como uma realidade em si mesma, dispensando a consciência. Já o idealismo dimensiona o sujeito sendo o posicionador do mundo, isento dele, cabendo exclusivamente à ser quem descreve fatos. Ambas concepções não estreitam laços entre sujeito e objeto, sendo assim, afastam, tornam uma ou outra, exclusivamente.

Para Sartre, por outro lado, sujeito e objeto são relação, cooriginários no mundo. Nós apreendemos o que se mostra junto ao visado em seus desdobramentos. A percepção, em um viés fenomenológico, não é algo exterior ou interior ao sujeito, mas um modo de apreensão do mundo que se funda pela intencionalidade, nesse movimento centrífugo da consciência que está para fora. Dois exemplos delineadores desse conceito é o abrir de olhos. Ver está cooriginariamente para o visado e o acompanha em todas as metamorfoses no existir. Ver uma árvore é acompanhar todas as transformações concernentes à sua forma de ser para uma estação, para uma criança, para um terreno, para uma família, para um agrupamento de árvores em uma zona urbana ou rural. (FEIJOÓ; MATTAR, 2014).

Neste ínterim, Oliva (2014) escreve que o ponto diferenciador da conexão que o sujeito estabelece com o objeto ou com outro homem é a experiência do olhar. Apreender o outro como homem e não como um objeto qualquer está relacionado ao fato de que o outro é o ser que me olha a todo tempo e essa possibilidade de ser visto-pelo-outro transforma a maneira como serei eu mesmo. Essa conexão entre eu e o outro é caracterizada como algo concreto, pois incessantemente ou eu olho o outro, ou estou sendo olhado. Todavia, Sartre salienta que não se pode apreender um objeto e simultaneamente perceber o olhar dele sobre nós e, sendo assim, os olhos do outro estão disfarçados por seu olhar, já que apreender um olhar não é perceber olhos. Como bem escreve Sartre (2015 p. 333) “[...] perceber é olhar e captar um olhar é tomar consciência de ser visto”

Para conhecer a essência de um objeto, neste caso uma história, é necessário partir de sua descrição pelas diversas formas que ela se apresenta, pois para Sartre “ser é, simplesmente, a condição de todo o desvelar” (SCHNEIDER, 2020a p. 87). A narrativa que nos aparece, envolta por páginas e desenhos, nos manifesta uma história que apresenta contornos existenciais, desde o projeto da protagonista, suas descobertas frente a cada cena e inúmeras questões ficcionadas por Silverstein (2018).

“Faltava-lhe uma parte. E ele não era feliz”: desbravando a obra

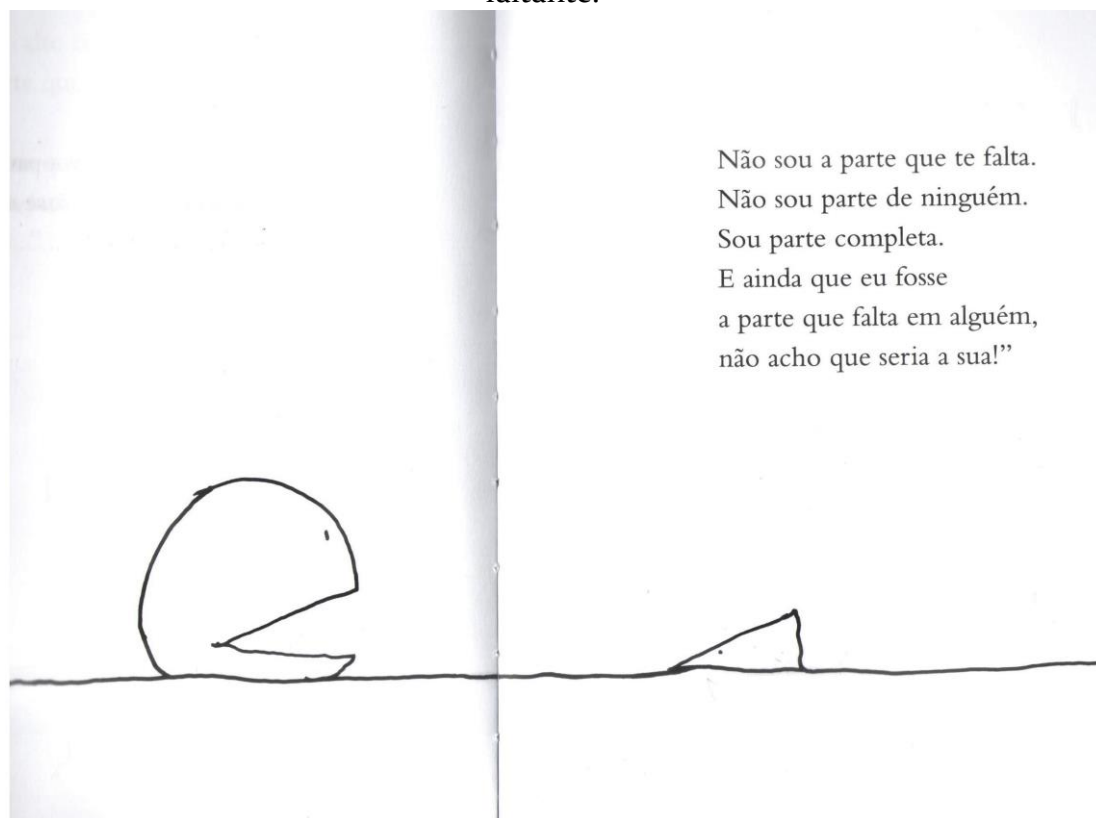
O texto desenvolve-se a partir da falta que se encontra a personagem. Pela falta, ela movimenta-se a fim de buscar a sua outra parte, na qual pudesse verdadeiramente encaixar. Esse projeto de encontrar sua parte faltante é o que movimenta suas canções e a sua vivência em diversas situações com o mundo, como estar sob a luz do sol, outras vezes sob a neve ou enfrentando nevascas e após isso, temperaturas amenas. Por não ter uma parte para preenchê-la andava mais devagar e por consequência disso, relacionava-se com quem havia no caminho, podendo interagir com uma minhoca, sentir o aroma de uma flor, correr com um besouro e poder sentir o pouso de uma borboleta em seu rosto. Todas essas expressões de encontro manifestam a característica co-originária do humano com o outro, sendo este, seres Em-si da natureza, que se apresentam à consciência singular da personagem por meio das sensações, isto é, um modo de ser que apreende o que vemos, sentimos no e pelo corpo.

A personagem expressa pelo rosto e o autor escreve o momento do encontro entre a borboleta e a parte como o seu momento favorito do dia. Apreendemos a borboleta, em uma primeira leitura, enquanto coadjuvante da história, mas aproximando-se da trama, ela vem a ser signo de liberdade. Para uma diferenciação, este é um termo vislumbrado por Sartre (1943/2015) com veemência em sua vasta produção bibliográfica, caracterizando-a enquanto condição ontológica do sujeito em não ser determinado por qualquer instância senão as suas escolhas em inúmeras situações nas quais deve enfrentar. O efeito inicial deste termo na narrativa construída por Silverstein (2018) significa o horizonte que se mostra em busca de sua *felicidade* completa, haja vista a sua falta. Como um lembrete, a borboleta - o inseto que está fora no mundo, em constante metamorfose, voo e pouso - aterrissa em seu rosto, para recordar-se da viagem, mas também, da aterrissagem.

Em vista de seu projeto de completude, a personagem se lança por mares, rumo ao novo, que decerto seria o encontro de sua parte faltante. Nesse momento, a história manifesta o primeiro conflito. De um lado, a personagem vibra ao olhar para uma outra parte que poderia completá-la e do outro, a parte faltante que, percebendo tal exaltação, posiciona-se acerca de seu lugar no mundo: “Não sou a

parte que te falta. Não sou parte de ninguém. Sou parte completa. E ainda que eu fosse a parte que falta em alguém, não acho que seria a sua!” (Silverstein, 2018 p. 44)

Figura 1: Primeiro conflito do enredo entre a parte que falta e a parte faltante.



58

Fonte: Recuperado de SILVERSTEIN, S. *A parte que falta*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2018, p. 44

A questão do outro em Sartre (2015) torna-se um fato nesse trecho, uma vez que o humano se encontra no mundo enlaçado pela sua liberdade e o outro, enquanto objeto que pode vir a ser utensílio para sua ação no mundo ou outro humano existindo em função de seus projetos a todo instante, quando por exemplo, avisto alguém na rua, troco olhares ou afetos. Este outro, vislumbro em primeiro momento enquanto objeto, pois apreendo o outro como sujeito/objeto que vê o que vejo em sua singularidade. Segundo Laporte e Volpe (2009) o outro torna-se mediador do Para-si, já que ele apreende objetivamente o ser do Para-si, isto é, ele tem a possibilidade de observá-lo de fora da sua experiência. Entretanto, essa relação é desigual: ou vejo ou sou visto, correndo o risco do aniquilamento de minha liberdade.

Laporte e Volpe (2009) escrevem o outro sendo a liberdade que nos escapa e na ânsia de capturá-la, fazer-se de minha posse, há inúmeras maneiras de relacionar-se não baseadas na reciprocidade ou na dialética, pois não se funda pela superação do conflito. São relações que se fundam no fracasso. Em sua explanação,

elas demonstram que o poder-ser do Para-si, disposto no amor por exemplo, tem o que as autoras mencionam como tríplice destrutibilidade: “ao querer amar, quero que me amem, quero que o outro queira que o ame, isso é inevitável pois quanto mais busco ser um objeto especial para o outro, ‘mais sou devolvido às minhas responsabilidades” (LAPORTE; VOLPE, 2009 pp. 92)

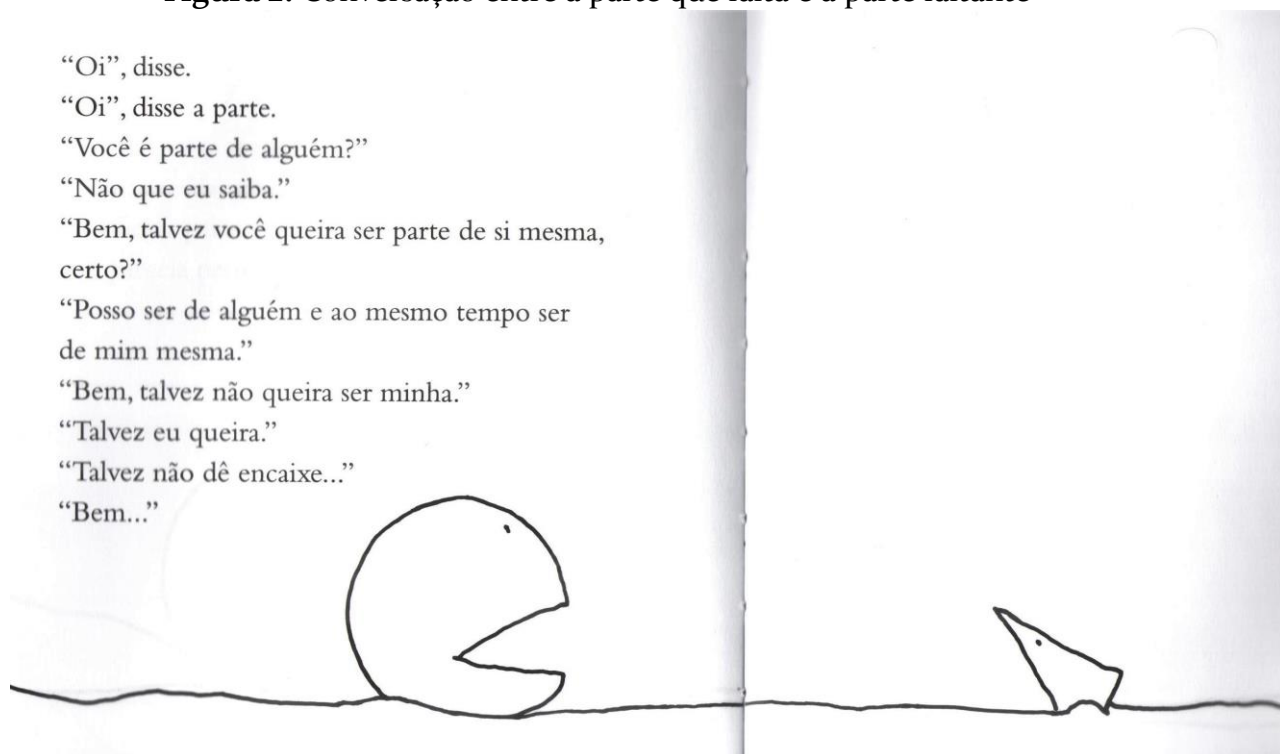
Isto é, ao desejar ser amado, mais sou lançado às minhas escolhas, às movimentações de meus projetos que podem estar alinhados ao outro ou não, tal como o outro também, podendo permanecer ou livrar-se de amar (SARTRE, 2016; LAPORTE; VOLPE, 2009). O primeiro conflito do enredo de Silverstein expressa o desejo da parte que falta em capturar a outra parte, possuí-la, fazer-se do seu molde, pois aparentemente manifesta-se tão parecida ao seu encaixe. Todavia, a outra parte posiciona-se autenticamente frente à essa relação de posse.

É a partir dessa ação que a personagem consegue refletir brevemente sobre sua escolha. Compreendemos enquanto relance reflexivo posto que não houve uma mudança em sua conduta de buscar a outra parte faltante. Houve uma mudança de posicionamento em perguntar ao outro se desejava encaixar-se a ele. Então, sai de cena e prossegue sua aventura, ainda movimentada pelo projeto de completude em vista do encaixe do outro, mas a partir do consentimento da alteridade na qual está à procura (SILVERSTEIN, 2018).

Em sua jornada encontrou outras partes, mas, sobretudo, encontrou desencaixes. Avistou uma parte muito pequena; outras, muito grandes ou quadradas. Pôde encontrar-se com uma parte aparentemente perfeita, mas segurou-a com tanta força a ponto de quebrá-la e, outra vez, segurou levemente e a perdeu. Apesar dos desencontros, a parte que falta prosseguiu seu caminho (SILVERSTEIN, 2018). A angústia é um fenômeno recorrente nessas cenas, concebido enquanto conceito que permeia toda e qualquer escolha do sujeito em vista de sua existência. A liberdade evoca a obrigatoriedade em escolher, em toda situação, seja irreflexiva ou não, levando em consideração o desamparo humano no seu percurso, sem as muletas ou verdades para defini-lo (SARTRE, 2014).

A trama se desenvolve até um outro encontro de diálogo na história. A parte que falta encontra outra parte e antes de qualquer manifestação de conquista, inicia-se uma conversa:

Figura 2: Conversação entre a parte que falta e a parte faltante



Fonte: Recuperado de SILVERSTEIN, S. *A parte que falta*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2018, p. 78

60

Ao notar que o outro permite ser da parte na medida em que é de si próprio, isto é, por meio de uma relação baseada na dialética, nota-se a possibilidade de uma relação recíproca. A parte conseguiu sentir-se completa pelo formato de seu corpo. A personagem, agora completa, vibra e rola vertiginosamente pelo seu caminho, como nunca antes. Entretanto, nesse trecho, há um outro conflito, até então inesperado, haja vista a concretização do seu projeto. A completude permitiu que vagasse com maior rapidez por onde quer que seu caminho fosse, todavia, não abriu espaço para os outros pequenos prazeres. Não podia mais sentir o cheiro de uma flor, brincar com o besouro, sentir a borboleta ou cantar sua canção (SILVERSTEIN, 2018).

A completude limitou os possíveis da personagem, considerando-se que o seu vazio era impulsionador de seu vagar, de suas canções e da sua forma de manifestar-se no mundo. Ao fazer-se completa, viu-se encerrada em um único objeto rolante. Ao perceber-se completa, deixou a outra parte no chão e prosseguiu rolando sem pressa, de um jeito diferente, cantarolando a mesma canção - pelo fato de poder cantar - e desfrutando de seus momentos - pela possibilidade de sentir, experienciar cada instante.

A história termina com duas facetas acerca da completude e incompletude. A primeira era o projeto da protagonista, o que dava sentido ao seu existir e o que daria felicidade genuína ao seu mundo. A segunda era a sua característica única de ser, em constante movimento apesar de sentir-se vazia. O desfecho da trama acompanha um outro sentido atribuído pela protagonista a partir da concretização de seu projeto, pois ao perceber-se como completa, preenchida, não poderia vislumbrar nada além do que é, perdendo quem poderia vir a tornar-se em relação com mundo. Vislumbrar tal escolha realizada irreflexivamente gerou marcas em sua humanidade, impossibilitando-a de existir ao seu modo. Por fim, a incompletude torna-se uma atitude reflexiva da personagem frente a si mesma, pois é em seu vazio que moram as suas possibilidades.

Figura 3: Desfecho do enredo em que a personagem desfruta do melhor momento do seu dia



Fonte: Recuperado de SILVERSTEIN, S. *A parte que falta*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2018, p. 105

“Aliás, porquê falta?”: interface crítica com Simone de Beauvoir

A trama de Silverstein (2018) pode ser interpretada de inúmeras formas. A maneira adotada no tópico anterior contempla o existencialismo sartreano para o entendimento de sua história e compreensão de seus conflitos, embasados no método fenomenológico enquanto uma alternativa para acessar o conhecimento tal como se apresenta aos nossos sentidos teorizados por conceitos da ontologia de Sartre. Todavia, durante a leitura nos questionamos a aplicabilidade desses conceitos em problematizações de Simone de Beauvoir, encontrados na obra *O Segundo Sexo* (1949/2016), que avizinha-se do ontológico - haja vista a perspectiva existencial que delineia o ensaio sobre a condição feminina - o social e o recorte de gênero, delimitando as dimensões deterministas de sua situação.

Avizinhar-se da teorização de Sartre, como retratou Beauvoir (1958/2018)⁵ em suas memórias, é vislumbrar as vivências do filósofo mediante à guerra, à sua inquietação frente a subserviência do humano em seus contextos limites e sua obra literária que une seu modo de filosofar e recriar a realidade. Nesse sentido, fazer uso do ensaio de Beauvoir (1949/2016) significa questionar outra faceta do existencialismo criticamente, entendendo a contribuição dessa filósofa, ensaísta e romancista, a partir de uma visão autêntica sobre o outro, a liberdade, a situação e a reciprocidade, de forma a compreender seu engajamento político no pano de fundo histórico-cultural francês do século XX.

Questionamos, à luz de Beauvoir (1949/2016), qual vazio estaria sendo posto na trama, além do visto pela estrutura corpórea da personagem? Considerando a tamanha identificação da história com os dramas e conflitos humanos, aprofundamos esse questionamento, pois se todos somos a liberdade, para quê buscamos a completude e o preenchimento? O que falta ou aliás, porquê, para quê, para quem falta? Que projeto de completude é este que buscamos? Afinal, buscamos verdadeiramente? Questionamentos tais atravessam os fios teóricos que fundamentam esta outra forma de leitura, complementar a de Sartre.

No *Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir formula uma ontologia acerca do Outro, sendo esta categoria dada a mulher. Oliva (2013, p. 122) em sua dissertação, escreve: “Compreendemos que, para Beauvoir, na relação entre os sexos as categorias do Mesmo e do Outro estão fixadas e naturalizadas a ponto de a mulher aceitar como natural o seu lugar de Outro⁶”. Ou seja, a mulher, escrita enquanto (a)sujeito em investigação na obra de Beauvoir, se conforma com a dissipação de sua própria liberdade e se limita ao que lhe é posto por um ser essencial chamado homem. É partindo deste pressuposto que discutiremos essa perspectiva sobre o texto de Silverstein.

A protagonista do texto literário estava em busca de algo (alguém) que preenchesse sua existência, destarte, vivia a cantarolar, circundava-lhe um

⁵ Em *A Força da Idade*, Beauvoir (2018) retrata o momento em que Sartre se emociona ao ouvir falar sobre fenomenologia. As primeiras traduções de Kierkegaard já estavam disponíveis na França, mas nada relacionado ao autor chamou a atenção de Sartre e de Beauvoir. Foi em um encontro com Raymond Aron, estudante de Husserl, no Bec de Graz, quando ao pegar uma bebida derivada de abricó, Aron evoca: ‘estás vendo, meu camaradinho, se tu és fenomenologista, podes falar deste coquetel, e é filosofia’ (BEAUVOIR, 2018 p. 116). Ao convencer Sartre da fenomenologia ser um modo de filosofar capaz de transcender o realismo e o idealismo, o filósofo comprou no bulevar Saint-Michel, a obra de Lévinas sobre Husserl na mesma noite.

⁶ Há uma distinção das maiúsculas ao referenciar o Outro em Beauvoir (2016) dado ao uso crítico da autora da dialética de Hegel sobre a relação do escravo e o senhor. Oliva (2003) comenta que o senhor é quem não reconhece o escravo como ser, ou seja como consciência, então sua relação é de objeto, de ser essencial ao ser que não possui essência. O escravo é aquele que se aliena a ponto de fazer-se objeto ao seu senhor, visto que escolher-se custa um alto risco frente a sua existência. Nesse sentido, “[...] para Beauvoir, na relação entre os sexos as categorias do Mesmo e do Outro estão fixadas e naturalizadas a ponto de a mulher aceitar como natural o seu lugar de Outro [...]” (OLIVA, 2013, p.122).

sentimento festivo. Conquanto, quando se deparou com outra liberdade, ou seja, outra parte, percebeu que a sua se aniquilou em face da outra. Ao mencionar a liberdade em Beauvoir (1949/2016) tem-se no ensaio que “[...] a liberdade se encontra inteira em cada um. Somente como permanece abstrata e vazia na mulher [...]” (p. 439), isto é, a liberdade humana para a ontologia feminina tem implicações relacionadas ao gênero, posto que o fazer-se sujeito fêmea acontece em um mundo inteiramente masculinizado, situado em um espaço em que a liberdade do Outro é aniquilada. Sendo assim, as condutas da fêmea humana nunca são fins, sempre meios:

O homem sabe que pode reconstruir outras instituições, outra ética, outro código; apreendendo-se como transcendência, encara também a história como um devir; o mais conservador sabe que certa evolução é fatal e que a ela deve adaptar sua ação e seu pensamento; a mulher, não participando da história, não lhe compreende as necessidades; desconfia do futuro e almeja sustar o tempo. Não pressente nenhum meio de repovoar o céu se abaterem os ídolos propostos por seu pai, seus irmãos, seu marido; esforça-se encarniçadamente por defendê-los (BEAUVOIR, 1949/2016 p. 411)

No existencialismo tem-se a noção de sujeito e mundo enquanto uma relação inseparável, todavia, há um despertencimento por parte da mulher nesse contexto pela impossibilidade de concretizar a sua existência feminina no mundo. Para o sujeito fêmea, assumir-se enquanto tal em sociedade advém de uma constante luta no tocante à sua responsabilidade, contudo, a questão é que muitas mulheres não têm essa mesma possibilidade (tendo em vista o humano em situação) e permanecem na imanência, em oposição à transcendência (BEAUVOIR, 1949/2016). Quando não se tem a compreensão da luta coletiva, irreflexivamente, o mundo manifesta-se para ela como um destino ao invés de um campo de utensílios. Lutar contra todos os destinos biológicos, históricos, religiosos e morais aprisionadores é o coração da transcendência (BEAUVOIR, 1949/2016).

Ao tecer teoricamente argumentos acerca da passividade feminina em relação à sua existência, Simone de Beauvoir (2016) explica que no cotidiano das mulheres evidencia-se a reafirmação de sua situação alienada e esta é exemplificada pela autora. No dia-a-dia, a cozinha se mostra como uma escola de passividade, conformação e paciência, pela qual a mulher sempre precisa aguardar para que as coisas fiquem prontas e somente então, ela, entrar em cena: “[...] é uma alquimia; cabe-lhe obedecer ao fogo, à água; “esperar que o açúcar derreta”, que a pasta fermente e também que a roupa seque, que as frutas amadureçam” (BEAUVOIR, 2016 p. 409). Suas atividades e seus posicionamentos na vida estão sempre voltados para fora de si mesma, esperando que as coisas aconteçam sozinhas, que sejam feitas por outra pessoa ou que lhe outorgam o direito de fazê-las. Restabelecendo a conexão com a personagem de Silverstein, é possível notar a semelhança na maneira

como ela se põe diante de sua existência, uma vez que, em um primeiro momento, a parte que falta não enxerga na incompletude uma forma legítima de vida, buscando significado e preenchimento fora de si (SILVERSTEIN, 2018).

Esse ensejo de completar-se por subterfúgio alheio persiste após inúmeras tentativas da parte que falta em encontrar a parte perfeita. A trajetória irreflexiva frente ao vazio impulsionou a protagonista a buscar vários tipos de preenchimentos ao seu ser, visto que faltar era uma característica apreendida como destino e que deveria *naturalmente* ser completada. Por faltar-lhe verdade, substrato para a genuína “felicidade”, captura tudo o que há em sua frente como possível, mesmo não encaixando, sendo pequeno, grande ou pontudo demais. É equiparável ao destino da mulher que tem sua realização pendente caso não se case, não tenha filhos, não seja feminina ou quando se realiza pela sua independência e é exortada pelo patriarcado.

Nas palavras de Beauvoir (1949/2016): “O homem declara, por exemplo, que não vê sua mulher diminuída pelo fato de não ter profissão: a tarefa do lar é tão nobre quanto, e assim por diante. Entretanto, na primeira disputa, exclama: ‘Serias totalmente incapaz de ganhar tua vida sem mim’ (p. 23). A maternidade, o matrimônio, a monogamia, a heterossexualidade, a passividade, a obediência, a doçura e a feminilidade se tornam uma finalidade para uma suposta parte que padece de uma pseudo ilusão de falta.

A mulher enquanto sujeito dispõe de um aspecto que Beauvoir (2016) escreve como resignação. Essa característica aparece como uma outra forma de validar a passividade feminina, uma vez que uma mulher resignada oferece ao mundo a generosidade condescendente que admite, perdoa, consente e espera tudo. É a resignação que garante que a mulher seja paciente, que aceite as coisas como são, que respeite as leis apenas por serem leis. Esse é o melhor traço que se pode encontrar em uma mulher, a subserviência é a maior virtude (BEAUVOIR, 2016).

Apoiado nesse aspecto, a passividade mostra-se cada vez mais como o melhor caminho a ser escolhido para o existir feminino. Por outro lado, as resignadas que assim se portam são concomitantemente acusadas de mediocridade, preguiça e frivolidade, ignorando totalmente “o fato de que o horizonte lhes está barrado” (BEAUVOIR, 2016 p. 411) em incontáveis ocasiões.

Assim como todos os moldes ditos verdadeiros de existir, neste caso, a subserviência feminina, a personagem da narrativa encontra o seu preenchimento aparentemente perfeito. Como qualquer fórmula que pressupõe dar conta de todos os sentidos para existir, ambas, a perfeição e o assujeitamento, desembocam no fracasso. Destacamos o parecer, pois, tal como manifestou-se, a protagonista não havia vivido o que viria a ser a completude e, arbitrariamente, a incapacidade de ser outra coisa além de completa, definida, encerrada. Percebe-se inabilitada de

deleitar-se das pequenas e prazerosas situações que outrora tivera. Essas impossibilidades e inquietações são expressas nesta sentença: “Meu Deus! Agora que estava completo, não podia nem sequer cantar” (SILVERSTEIN, 2018, p. 93). O contraste desta cena é o ponto reflexivo que embasa a crítica sobre a liberdade, pois a personagem percebe “a monótona repetição da vida em sua contingência e sua facticidade” (BEAUVOIR, 2016, p. 414).

Isto é, o existir contingente reporta à característica da passagem do tempo, percorrendo o caminho de cada realidade humana em seu projeto, que pelo caráter absurdo, pode findar a qualquer momento, seja em relação ao sujeito no mundo, seja pelo corpo, pelo outro e pela própria morte, caracterizando a facticidade em que estamos imersos (SARTRE, 2015; BEAUVOIR, 2016). A parte que falta reconhece por este trecho a experiência de um projeto falido, que limita outros possíveis, que abre espaço à repetição, ao monótono e ao destino, aniquilando sua liberdade. A anulação da liberdade feminina, em aproximação com esta cena da obra, manifestou-se para nós, enquanto leitoras da história e sujeitas para a obra.

A liberdade feminina pela categoria do Outro em Beauvoir (2016), é descrita a partir de normativas determinantes de sua essência, por uma força da alteridade declarada enquanto Mesma ou Um. O conceito emergente dessa desigualdade, e que nos impera em interrogação, é a reciprocidade. Oliva (2013) ampara a definição deste termo na obra de Beauvoir (2016), pois, a autora faz uma releitura da dialética do escravo de Hegel, na qual o senhor não reconhece o escravo enquanto sujeito, devido a hierarquização de seu lugar de poder. O senhor aliena o escravo, a ponto deste não se reconhecer livre. Enquanto o homem - não somente o sujeito, mas as instituições que se solidificaram pelos fios ideológicos do patriarcado como a ciência, a filosofia, a moral e todas as esferas do conhecimento - não reconhecer a mulher enquanto sujeito e objeto, carne e consciência, não há reciprocidade. É na desigualdade de gênero que mora a calcificação de projetos verdadeiramente singulares, pois, “[...] presa à sua suposta essência universal, a uma suposta feminilidade, dificilmente prestará atenção à sua singularidade” (OLIVA, 2013, p. 136).

Há um descortinamento da alienação quando as palavras de exclamação da protagonista se manifestam: “Ah! Pensou: Então é assim?” (SILVERSTEIN, 2018 p. 94). Esse questionamento emergiu pelas marcas cravadas da experiência vivida de sua alienação. A questão mostrar-se-ia outra, se antes de sair em busca de sua completude, perguntasse: Deveria ser assim? Para quê deve ser assim? O preenchimento manifestou a impossibilidade de criação de outros sentidos possíveis atribuídos por si mesma, pelo seu modo de fazer-se no mundo, nem tão rápido ou lento; em seu ritmo, em temporalidade de um projeto verdadeiramente seu.

E se a personagem pudesse significar o vazio como algo a não ser necessariamente preenchido? E se ambas as partes pudessem caminhar juntas, sem

estarem aprisionadas por si mesmas? E se a incompletude fosse o sentido necessário para o rolar ao invés de ser o defeito, a desvirtude ou a irregularidade? Nota-se que o encontro da experiência literária e teórica mobiliza sentidos de quem lê e como sujeitos em relação dialética, nos formula e desmembra questões para este texto.

O desfecho da história reporta à personagem ao seu vagar, que prossegue em busca de uma parte capaz de completá-la e esse aspecto, mostra que ainda há uma aproximação alienada com uma forma de viver. A irreflexividade faz parte do seu fazer-se no mundo apesar de todos os impactos da experiência com os desencontros, entretantes, há um novo sentido no seu jeito de caminhar. A busca frenética por uma substância que está fora não se está mais tão intensa, nem seu passo apressado. O sentido de seu existir retornou ao seu jeito de caminhar ao invés de centralizar ao vazio.

Conclusão

Este trabalho desenvolveu-se a partir do diálogo entre arte e teoria, entendendo esta esfera estilística do conhecimento como cerne para dar sentido, problematizar, encorpar e inquietar-se diante da vida. A teoria subsidiou o método capaz de acessar o fenômeno tal como se apresenta, pelo seu parecer e todo seu conteúdo intencionalmente captado por nós, leitoras e escritoras deste artigo. O objetivo dessa aliança foi compreender a trama ficcional do livro infantil *A Parte que Falta* a luz do existencialismo de Sartre a partir do método fenomenológico e seus desdobramentos críticos em Simone de Beauvoir, pelos conceitos que aparecem em ambos os escritores, como liberdade, situação, o outro e reciprocidade.

Em Sartre (2016), o método apreende o conhecimento por todo o seu desvelar, no curso de seu existir e na relação homem-mundo, que acontece a todo instante. A estratégia de leitura e da seleção dos conflitos emergentes da narrativa sucederam dessa metodologia a partir do lançamento da personagem em busca de seu projeto até o desfecho. Existem três momentos de conflito específicos. O primeiro conflito acontece no encontro da personagem com o outro, um existente possível ao preenchimento de seu ser. Esta cena é caracterizada pela desconsideração da personagem da liberdade, por sua vez, o projeto do outro. Comentadores da filosofia existencial de Sartre complementam que toda relação sem a superação do conflito está destinada ao fracasso dado ao desejo de capturar, fazer do seu molde a subjetividade do outro. Esses aspectos são visíveis nas relações amorosas quando a possessividade e a sujeição fazem-se presentes pelo amante e o amado.

O segundo conflito surge pelos desencaixes encontrados no caminho. O projeto de completude desembocou sendo, pela experiência concreta, a experimentação intensificada da falta devido às outras partes serem de moldes diferenciados. O terceiro conflito surge no instante que se completa, pois, percebe a

sua idealização frente a completude, que por sua vez, não permitia vislumbrar novos projetos. Estava encerrada, limitada e sua liberdade estava em xeque, por definir-se unicamente completa. A completude para a personagem tornou-se sinônimo de limitação, posto que seu vazio a impulsionava a sentir, vislumbrar, pertencer às coisas ao longo do caminho.

Pelo subsídio da teoria sartreana para a compreensão dessa história, enlaçamos nossas questões acerca do projeto da personagem, haja vista uma identificação com os dramas existenciais na atualidade. Para quê, porquê, para quem falta? Simone de Beauvoir (2016) criticamente nos ampara em possíveis considerações ao pontuar nos seus ensaios sobre a condição da mulher. A subserviência e a inessencialidade da mulher foram circunscritas historicamente pelo patriarcado e isso repercute em uma pseudo falta, que baliza as existências femininas em verdades masculinizadas. O lugar de Outro sujeitoado ao essencial, equiparável ao escravo servente ao seu dono, pela ótica de Beauvoir (2016) construiu o projeto de ser mulher ao longo da história e isso acarretou em uma nova configuração diante da situação: o seu enfrentamento, a fim de transcendê-la, torna-se diferenciado dado à concepção de que o mundo é masculino e tal determinação, impede de muitas mulheres construir uma existência genuinamente própria. Dado isso, a reciprocidade não está presente nas relações com o outro. Há uma hierarquização do gênero que circunscreve o existir alienando o sujeito fêmea, fio a fio de sua história.

A falta apresenta-se como um empecilho para alcançar o que se é forjado pela história enquanto felicidade e isso, nos moldes patriarcais, podem ser escritos como casamento, maternidade, feminilidade, heterossexualidade, a obediência e todas as tarefas e expressões de vida ditas para mulher. A questão é que assumindo a falta enquanto defeito, ela não se torna uma brecha para ressignificar o existir. Ela se torna unicamente um buraco a ser preenchido. Quando a personagem se frustra e percebe o que é estar completa, um novo contorno apresenta-se: a falta como oportunidade de pertencer a si mesma.

Referências

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, S. *A força da idade*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEREANO, N. K. "Introdução." In: LORDE, A. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 11-17

FEIJOÓ, A. M. L. C.; MATTAR, C. M. "A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na Psicologia". *Psicologia: Teoria & Pesquisa* v. 4 n. 30 pp. 441-447, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n4/v30n4a09.pdf>> Acesso em 16 jul. de 2020:

FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Tradução de Antônio Callado. São Paulo: LTC, 1984.

Sobre a (in)completude e os aspectos existenciais na obra “A parte que falta” de Silverstein.

LAPORTE, A. M.; VOLPE, N. *Existencialismo: uma reflexão antropológica e política a partir de Heidegger e Sartre*. Curitiba: Juruá Editora, 2009.

OLIVA, J. *Identidade e reciprocidade em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir*. (Dissertação de Mestrado) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 2013, Brasil. Disponível em: <https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2014/264.pdf> Acesso em 20 de jul. de 2020

OLIVA, J. “A relação erótica autêntica e a realização da reciprocidade em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir.” *Anais do seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar*, São Carlos, SP, Brasil, 10, 2014. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/Juliana-Oliva.pdf>> Acesso em 15. fev. 2021.

SARTRE, J-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHNEIDER, D. R. “Fenomenologia de Heidegger e Sartre em suas diferenças.” *Revista Aufklärung Esp* v. 7 s/n, pp. 77-92, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/50293>> . Acesso em 16 de jul. de 2020.

_____. “O método biográfico em Sartre: contribuições do existencialismo para Psicologia.” *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. v. 8 n. 2 pp. 289-308, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n2/v8n2a13t>> Acesso em 16 de julho de 2020.

SILVERSTEIN, S. *A parte que falta*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

Submissão: 15. 02. 2021 / Aceite: 30. 06. 2021